

XXII Colóquio
Brasileiro de
História da Arte

Alfredo Galvão e a Escola de Belas Artes

Me. Carlos Gonçalves Terra - UFRJ

Alfredo Galvão e a Escola de Belas Artes

Me. Carlos Gonçalves Terra - UFRJ

Não acredito na vantagem da transformação da Escola de Belas Artes num Instituto de Arte industrial. Outros estabelecimentos poderão ser abertos para êsse fim, atraindo vocações específicas. As chamadas Belas Artes, a Poesia e a Música não desaparecerão dentre as cogitações humanas¹.

Alfredo Galvão nasceu a 04 de março de 1900, no Catumbi, RJ. Durante sua vida profissional contribuiu para o ensino das artes, através do magistério; da organização e catalogação de obras de arte; da restauração de trabalhos premiados pela Academia e pela Escola; e pela criação dos Arquivos. Faleceu em 04 de fevereiro de 1987.

Estudou na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) entre 1916 a 1919 como aluno livre, e de 1920 a 1927 como aluno regular, tendo sido discípulo de Lucílio de Albuquerque, Rodolfo Amoedo, Batista da Costa e Rodolfo Chambelland, entre outros.

Alfredo Galvão foi um mestre consagrado e dedicado pesquisador na área das Artes Plásticas. Esteve em Paris gozando o seu Prêmio de Viagem, obtido em 1927, retornando ao Brasil em 1932. No ano de 1934 foi nomeado para reger uma turma de Desenho Figurado passando, a ocupar interinamente, em 1938, a cátedra de Anatomia e Fisiologia Artísticas. Dez anos depois obteve o primeiro

¹ GALVÃO, Alfredo. Julgamento da exposição geral de Belas-Artes de 1870. In: *Arquivos XIII*. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 1967. p. 31

lugar no concurso para a Segunda Cadeira de Pintura, atuando profissionalmente até se aposentar, em 1970, por imposição da sua idade.

Alfredo Galvão, também merece destaque por ter dedicado um período de sua vida à Escola Nacional de Belas Artes, como professor (1949-1951) ou como Diretor (1955-1957). A artista Cordélia Navarro o caracteriza bem, quando lembra que “sempre foi um mestre por excelência: suas aulas eram ministradas com seriedade e competência”².

No período que atuou como Diretor da ENBA, Galvão promoveu diversas mudanças administrativas. Reorganizou e catalogou os seus arquivos, reestruturou a biblioteca, as galerias de moldagem e as de pintura. Várias obras que haviam sido premiadas pela Academia e pela ENBA foram restauradas. Nesse fértil período, os mostruários de gravura e de pedras preciosas receberam um tratamento especial. Surge em 1955 o primeiro número dos *Arquivos da Escola Nacional de Belas-Artes da Universidade do Brasil*, anteriormente denominado *Boletim da ENBA*. No primeiro volume aparece a transcrição de documentos antigos e um noticiário do Diretório Acadêmico, mas curiosamente, na apresentação, Galvão chama a atenção para a dificuldade na sua elaboração. Ele comenta:

*A redução das verbas imposta pela situação financeira do País, não permitiu, êste ano, o desenvolvimento desejado pela Congregação. Espera-se, porém, que em 1956, haja possibilidade de ampliar esta publicação, correspondendo assim ao justo desejo dos professôres e alunos da Escola Nacional de Belas-Artes*³.

Embora com todas as restrições que possa ter tido, a publicação dos *Arquivos* permanece ainda sendo uma obra de referência para os pesquisadores brasileiros, sobretudo aqueles que estudam e se dedicam à arte brasileira.

² Catálogo da Exposição Alfredo Galvão, realizada no período de 23/11/1983 a 09/12/1983 no Museu D. João VI, Escola de Belas Artes, UFRJ, 2º andar.

³ GALVÃO, Alfredo. Apresentação. In: *Arquivos I*. Rio de Janeiro: UFRJ/ENBA, 1955. p. 3.

Como pesquisador, Galvão dedicou-se a estudar, com afinco, a história da Academia Imperial de Belas Artes e da Escola Nacional de Belas Artes, nome que aquela recebeu, após 1889; publicando bom número de ensaios sobre o tema. De suas próprias palavras destacamos:

Há vários anos venho recolhendo dados autênticos, ou sejam, documentos escritos, principalmente os do arquivo da Escola de Belas Artes. É meu desejo escrever a história dessa instituição desde o decreto de D. João VI em 1816, até nossos dias⁴.

Como pintor, praticou a paisagem, a figura, os seus auto-retratos, as pinturas de interiores e a natureza-morta. Foi fiel a uma visão tradicional da arte, sendo possuidor de grande sensibilidade.

Os seus mestres estavam entre os artistas mais importantes de sua época. Apesar de ainda imbuídos das tradições acadêmicas, alguns deles marcam a transição entre a arte do século XIX e a arte moderna. Esses artistas, que durante algum tempo foram tratados com menosprezo, têm sido revalorizados pela mudança do ponto de vista, sob o qual, passaram a ser julgados.

Tratando-se de um artista considerado no meio acadêmico, é de se admirar que até agora muito pouca coisa tenha sido escrito a seu respeito.

Para a “Exposição Alfredo Galvão”, realizada no Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI/UFRJ, foi elaborado um texto com seis páginas de introdução, contendo um trecho extraído do Catálogo de uma outra exposição sobre seus os trabalhos, realizada no MNBA, em 1959. Consta de uma pequena biografia e um breve comentário sobre sua obra. Em anexo, foram acrescentadas duas outras relações: uma com 19 páginas e outra com 33, onde é feito um levantamento de todas as suas obras. A primeira foi elaborada por Ana Maria Moura de Alencar, Christina Maria de Castro Gomes, Clélia Cerqueira Lima Celestino e Carlos Eduardo Cartaxo Mourão e trata somente das pinturas por ele realizadas, sendo

⁴ GALVÃO, Alfredo. *João Zeferino da Costa: sua vida de estudante e a de professor contadas pelos documentos existentes na Escola de Belas Artes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1973. p. 7.

classificadas pela Coleções em que estão localizadas. A segunda, feita pelos mesmos autores, e seguindo a mesma metodologia, trata de seus Desenhos.

A entrevista denominada *Depoimento do Artista*, realizada por Ana Maria Moura de Alencar e Christina Maria de Castro Gomes – museólogas do Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI/UFRJ – e organizada pela Professora Sonia Gomes Pereira, num total de 12 páginas, aborda sua vida pessoal e profissional. Destacamos algumas passagens, dessa entrevista, que mostram o percurso de sua vida de estudante e educador.

...

Houve incentivo da parte de seu pai para que o senhor pintasse?

Houve. Inclusive ele projetou em mim o que gostaria de ter sido e não foi, de modo que eu tive a proteção dele para ser pintor. Entrei para a Escola em 1916 como aluno livre algum tempo vendo se dava para aquilo mesmo. Todo mundo me elogiava muito e eu pensei que fosse dar um grande artista... Então matriculei-me, passando a aluno definitivo, em 1920. E fiz o curso todo na Escola: Desenho Figurado, Desenho de Modelo Vivo, Desenho de Ornatos, Anatomia, História da Arte, etc.

...

Quais os professores que mais marcaram o senhor na Escola?

Na Escola, o primeiro professor que eu tive foi o Lucílio de Albuquerque. Esse tornou-se muito meu amigo e me marcou muito. Depois, em pintura, fui aluno do Rodolfo Amoedo, passando mais tarde para a aula do Augusto Barcet. Esses foram os três professores mais importantes. Ah, ainda falta o de Modelo-vivo: Rodolfo Chambelland.

...

Como era a vida do aluno da Escola? Por exemplo, existiam pontos de encontro, de bate-papo?

Um deles era a Sociedade Brasileira de Belas-Artes. Lá se reuniam artistas e futuros artistas, numa discussão tremenda, sem fim. Havia também um outro

ponto de encontro num café, ali perto da Escola, numa esquina da Rua S. José – artistas e alunos num debate tremendo. Era uma coisa muito interessante.

...

Chegando na França que juízo o senhor fez do ensino que tinha na nossa Escola? Achou que o nosso ensino tinha sido ruim?

Não. O ensino daqui era baseado no de lá. Os professores daqui também tinham estudado lá, de modo que o nosso ensino aproximava-se muito do da França. Só o ambiente francês é que era muito mais favorável. Ambiente histórico: castelos, o Museu do Louvre com milhares e milhares de pinturas e esculturas. Nesse ponto é que a gente lucrava mesmo. Mas o ensino era semelhante.

...

E o movimento da Semana de 22, como foi sentido pelos alunos da Escola?

Os alunos da Escola nessa época viviam um pouco alheios a estas coisas. Eles cuidavam daquela rotina de estudos. Esse movimento paulista deu a todos a esperança de que a coisa ia tomar outro caminho, mas ficou tudo na mesma. Foi muito passageiro, um relâmpago.

...

Professor a música tem muita influência na sua sensibilidade ao pintar?

Não. A música, eu quero ouvi-la à parte. Quando estou pintando não quero ouvir nada. Nem ouvir, nem falar. É no modelo que eu penso, no que quero fazer, no que devo fazer.

...

Das duas direções que o senhor exerceu, a Escola e o Museu, qual foi a mais agradável?

Ah, foi o Museu. Tinha mais autonomia e os funcionários eram mais eficientes ou então gostavam de mim. ...⁵

⁵ EXPOSIÇÃO Alfredo Galvão. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 1983. (Catálogo da Exposição realizada entre 23 de novembro a 09 de dezembro de 1983 – Museu D. João VI).

Alfredo Galvão muito contribuiu para a História da Arte Brasileira, sobretudo, para a história da atual Escola de Belas Artes/UFRJ, pelo grande número de publicações legadas.

Além de todas as suas atuações já citadas, ele também participou, de várias Instituições como membro atuante. Entre elas estão: Conselho Nacional de Belas Artes, Conselho Consultivo do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Conselho Universitário da Universidade do Brasil, Sociedade Brasileira de Belas Artes e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Quando realizou as provas para o prêmio de Viagem obteve a seguinte avaliação:

A Comissão incumbida de dar parecer sobre o concurso de pintura a prêmio de viagem e examinados os dois candidatos Alcebiades Miranda e Alfredo Galvão tem a dizer o seguinte:

1ª Prova – Um Desenho de Academia de Modelo Vivo.

... .. O desenho do Sr. A. Galvão tem qualidade de caracter, modelado e construção, mas desproporcionado nas pernas, um tanto alongadas. Em consequencia ha uma pequena superioridade sobre o desenho do outro concorrente.

2ª Prova – Pintura de uma figura do Natural.

... .. O trabalho do Sr. A. Galvão tem qualidade de desenho, de cor, modelado e caracter, principalmente na cabeça. Falta-lhe porem volume nas articulações dos joelhos, melhor valorisação no torso e o pé direito é deficiente como desenho e modelado.

3ª Prova – Esboço de Composição de ponto sorteado “Uma Scena de Carnaval”.

Falta o senso de composição; não existe um ponto principal; não há equilíbrio nem valores; enfim ambos os candidatos são maus.

Finalizando: a Comissão acha que o candidato Sr. A. Galvão apresenta uma superioridade sobre o seu concorrente merecendo, portanto, que lhe seja conferido o premio de viagem à Europa, apesar dos defeitos apontados.

Escola Nacional de Belas Artes, 7 de novembro de 1927. Assinam: Lucilio de Albuquerque, Rodolpho Chambelland e Modesto Brocos⁶.

Em relação a sua produção artística, Galvão possui uma vasta obra em desenho – nanquim, *crayon*, lápis, carvão etc.; em gravura; em escultura e em pintura – predominando o óleo sobre tela e/ou madeira e aquarela.

Elza Ramos Peixoto comenta que “a arte de Alfredo Galvão, como a de todo o verdadeiro artista, é o reflexo de sua personalidade: espontânea, comedida, demonstrando sua grande sensibilidade de criador e de esteta”⁷. Elza lembra ainda que “quanto à temática foi um artista eclético”⁸.

Para Galvão

a natureza foi sempre sua grande inspiradora, não só nas paisagens propriamente ditas, como de maneira especial com referências às flores, que fixou em suas telas, algumas em arranjos bem compostos, outras – as de sua última fase – soltas, frescas, como se tivessem sido colhidas na hora, colorido suave e alegre...⁹.

Acreditamos que o texto a seguir, do próprio Galvão, extraído do Catálogo da Exposição Alfredo Galvão, realizado no MNBA, em setembro de 1959, evidencie de maneira clara seu pensamento e sua personalidade:

O artista, mesmo dedicando-se exclusivamente ao magistério, como é o meu caso, sempre encontra oportunidades para realizar trabalhos na arte a que se ligou... No momento atual, a crítica de hoje não aceita a pintura que aprendi; essa que pratico. Mas, não tendo podido compreender o voluntário aviltamento da forma humana, sob qualquer pretexto, e muito menos o seu abandono total, nem concordar com os que afirmam ser a interpretação das naturais belezas a negação da arte, continuo seguindo a trilha que iniciei aos 15 anos, em 1915... Não tendo podido abandonar minhas convicções para fazer tentativas modernistas, sempre vivi do ensino e para o ensino, sendo

⁶ Documentos existentes nos Arquivos do Museu D. João VI, EBA/UFRJ.

⁷ EXPOSIÇÃO Alfredo Galvão. Op. cit. p. 2.

⁸ Id. p. 2.

⁹ Id. p. 2.

*um dos maiores prazeres a companhia da mocidade irrequieta, impulsiva, esperançosa e boa*¹⁰.

Sua obra merece uma maior divulgação e também uma valorização do conjunto de sua atuação múltipla de criador, professor, pesquisador e administrador. Há necessidade de apresentarmos ao público maiores detalhes sobre sua vida de artista e mestre, mostrando a importância que teve para a História da Arte Brasileira e, sobretudo, para a Escola de Belas Artes.

Referências Bibliográficas

CATÁLOGO da Exposição Alfredo Galvão, realizada no período de 23/11/1983 a 09/12/1983 no Museu D. João VI, Escola de Belas Artes, UFRJ, 2º andar.

CATÁLOGO Exposição Alfredo Galvão. Rio de Janeiro: MNBA, 1959.

DOCUMENTOS existentes nos Arquivos do Museu D. João VI, EBA/UFRJ.

EXPOSIÇÃO Alfredo Galvão. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 1983. (Catálogo da Exposição realizada entre 23 de novembro a 09 de dezembro de 1983 – Museu D. João VI).

GALVÃO, Alfredo. Apresentação. In: *Arquivos I*. Rio de Janeiro: UFRJ/ENBA, 1955. p. 3.

GALVÃO, Alfredo. *João Zeferino da Costa: sua vida de estudante e a de professor contadas pelos documentos existente na Escola de Belas Artes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1973. p. 7.

GALVÃO, Alfredo. Julgamento da exposição geral de Belas-Artes de 1870. In: *Arquivos XIII*. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 1967. p. 31.

¹⁰ Catálogo Exposição Alfredo Galvão. Rio de Janeiro: MNBA, 1959.